

## Recomendações

Na defesa desta tese, foram apresentadas críticas importantes, às quais procurei dar respostas satisfatórias. A sugestão da banca foi que eu procurasse incorporar o debate na tese, antes da entrega de sua versão final. Considerei melhor incluí-lo, de modo abreviado, neste item denominado “recomendações”, indicado no modelo de redação de tese da PUC-Rio. A idéia de refazer algumas partes do texto, procurando melhorar e/ou complementar passagens a partir do debate ocorrido não me pareceu o melhor caminho, porque incorporar o debate pressupõe que se conheçam os problemas apontados. Por isso, passo a indicá-los, brevemente, a seguir.

O ponto que me pareceu principal nas críticas feitas ao trabalho diz respeito às diversas *promessas não cumpridas*, questão levantada, particularmente, e com muita propriedade, pelo prof<sup>o</sup> Ralph Bannell, mas também, em menor medida, pelo prof<sup>o</sup> Walter Kohan. Há um conjunto expressivo de temas, problemas e autores que menciono ao longo do texto e que não são, afinal, trabalhados com profundidade. Reconheço o problema, e agradeço sinceramente aos professores Ralph e Walter a leitura atenta e a indicação de algumas das principais promessas não cumpridas. Mas, por um lado, ainda não consigo identificar o problema como sendo grave e, por outro, julgo encontrar um motivo relevante para defender que não poderia ter sido de outro jeito. A ver.

As promessas não cumpridas não são graves, a meu ver, porque elas indicam, precisamente, questões programáticas que considero essenciais. Toda a questão resume-se em saber até que ponto seria um erro grave levantar tais questões sem aprofundá-las ao longo da tese, ou se suas meras indicações são suficientes. Tome-se o apelo a Henry Giroux, que, apesar de sua explícita filiação inicial à Teoria Crítica, não apenas mudou seu enfoque original em direção a perspectivas mais “pós-modernas” (dos *cultural studies* e do multiculturalismo), como o próprio enfoque original já continha uma mistura de referências problemáticas desde o ponto de vista estrito da filosofia de Adorno (Dewey e Habermas, por exemplo). Seria correto dizer que a discussão sobre Giroux permaneceu na superficialidade? Talvez, por tudo aquilo que foi prometido, em especial

em função do desejo de encontrar em Giroux uma possível instância de mediação entre a filosofia crítica e o campo pedagógico. Porém, até onde posso ver, a referência à Giroux sustenta um problema legítimo e que, para além de tratamentos eventualmente mais consequentes, merece figurar no horizonte desta tese de modo prioritário.

A indicação de algumas características do pensamento de um autor cuja dimensão prático-normativa pretende estar ancorada no conceito adorniano de mediação, mais do que visar a análise do próprio Giroux, visa, antes, situando-o, uma aproximação da Teoria Crítica ao campo da pedagogia. Se acabei, para isso, utilizando mais o texto de Morrow e Torres do que os textos de Giroux, isso me parece menos importante do que a possibilidade de identificar um caminho onde o debate sobre educação a partir de Adorno pode ser articulado com a discussão educacional ocorrida no Brasil nas últimas décadas. Resposta semelhante pode-se dar à escolha e ao tratamento dos textos sobre Adorno no âmbito do debate educacional, no Brasil. Sem dúvida que seria importante analisar a produção do grupo de São Carlos, por exemplo. Mas as escolhas que fiz tiveram como objetivo principal resgatar um certo olhar panorâmico e crítico sobre a pouca relevância que a Teoria Crítica teve durante os anos de 1980 no país, menos do que aprofundar apropriações particulares de Adorno nos anos posteriores. Me parece que a percepção da pertinência desta escolha depende da pertinência que se atribui ao resgate do debate que então se travou, pelos idos da década de 1980, no âmbito da educação. A julgar pela bibliografia dos concursos públicos para o magistério, nos dias de hoje, talvez a estratégia não seja de todo descabida.

Sem dúvida que essa estratégia talvez merecesse ser desenvolvida em conjunto com um aprofundamento das idéias do próprio Giroux, mas, neste ponto, esbarramos nas condições de produção da tese, que incluem, obviamente, as limitações do seu autor quanto à capacidade de corresponder aos diversos flancos abertos. Igualmente em relação a Habermas, ao pós-modernismo e outras questões levantadas, inclusive a algumas questões referentes a teses do próprio Adorno. Quanto a isto, acredito ser preciso ter em mente que o desafio mais radical foi o de construir um cenário onde as questões do ensino de filosofia tivessem lugar, e, sem nenhuma falsa modéstia, creio que consegui, partindo praticamente “do nada”, dar uns primeiros e importantes passos nesta direção. E é precisamente por isso, pela necessidade de apontar caminhos ainda não explorados,

que, consciente das diversas promessas não cumpridas, resolvi mantê-las entretanto no texto final, ao invés de escolher o caminho mais fácil, que seria, simplesmente, omiti-las.

O prof<sup>o</sup> Walter Kohan elaborou, ainda, diversas questões importantes, nem todas respondidas no momento da defesa. Destaco a questão da formação, cujo pólo da aprendizagem teria ficado eclipsado pela ênfase na questão do ensino. Será que a ênfase no professor não carrega o pressuposto de que o aluno aprende bem quando o professor ensina bem? Minha resposta foi a de que me interessava explorar, no pólo do professor, o lema do pensamento que se joga contra si mesmo. Menos do que explorar um caminho sobre o que significa “ensinar” ou “aprender” filosofia, me pareceu suficiente indicar o rendimento do exercício auto-crítico como necessário escape aos lugares comuns do ensino de filosofia. Mas concordo que isso, afinal, está longe de ser suficiente para explorar com maior vigor a questão da formação, enquanto questão sobre a constituição de um possível quadro de referência durável, para usar um adjetivo de Paulo Arantes, na análise dos processos do ensino-aprendizagem de filosofia no Brasil.

Tanto Walter como Ralph elaboraram questões com relação à dimensão política (1) das idéias de Adorno e (2) de suas consequências na pesquisa empírica. Com relação à primeira questão, trata-se de um problema extremamente interessante, e que relaciona-se, sem dúvida, com uma das promessas não cumpridas, a do lugar da filosofia de Adorno em meio ao debate “pós-moderno”. Creio ter indicado, ainda que de modo indireto, como ponto de inflexão política de Adorno, a manutenção, em seu pensamento, da tensão entre, por um lado, a aspiração à verdade e à universalidade próprias de uma filosofia centrada na questão da emancipação, e, por outro, o reconhecimento de sua inviabilidade. Mas, talvez, a questão posta por Ralph explicita melhor o problema.

Ralph cobrou, quanto a este ponto, a exploração mesma da articulação necessária, segundo a premissa adorniana, entre a reflexão e o todo social, já na discussão sobre Giroux (isto é, como o próprio Giroux trabalha esta articulação, constitutiva do conceito de mediação), mas, especialmente, na pesquisa empírica. Ele apontou a ausência do contexto mais amplo da educação na abordagem do Colégio e dos professores de filosofia: os PCNem, as políticas públicas, a sociedade. Reconheço que as menções a este contexto mais amplo talvez não tenham sido exploradas com a intensidade necessária, mas defendo, ao mesmo tempo, que ele pode ser encontrado no texto: a questão do

discurso sindical, o papel do professor André nas discussões do departamento e a reforma constituem seus principais elementos. Mas Ralph tem toda a razão de indicar que fiquei preso ao modo como essas questões aparecem no *interior* do Colégio. Este é, sem dúvida, um problema que exige um desenvolvimento posterior, que eventualmente poderia, inclusive, trazer modificações importantes ao que foi desenvolvido na pesquisa empírica.

Quanto a esta, Ralph e a prof<sup>a</sup> Menga Lüdke fizeram críticas severas. Ralph teve dificuldade em reconhecer a relação entre ela e o pensamento de Adorno, em parte em função do problema da totalidade social acima indicada. Mas creio que esse ponto, que merece sem dúvida maior desenvolvimento, não anula toda a reflexão em torno do que significa o termo “crítica” para os professores, confrontada com a reflexão sobre a questão da crítica em Adorno e em tudo o que se diz, nos primeiros capítulos, sobre o ensino de filosofia. Acima de tudo, considero que a felicidade da conjunção de Adorno com a pesquisa empírica está nas perguntas que a reflexão sobre Adorno me possibilitou fazer, quando em pesquisa de campo, e vice-versa! Quanto a isto, me dou por inteiramente satisfeito.

Já com relação às críticas da prof<sup>a</sup> Menga, me sinto bastante infeliz por não poder compreender melhor o problema de base enunciado. Talvez pelo cansaço do momento (lá se iam quatro horas de defesa), não me foi possível entender precisamente em que Menga se baseou para identificar sérios problemas na pesquisa empírica. Não que eu não admita a existência de problemas, eventualmente sérios! Sou o primeiro a querer identificá-los e enfrentá-los. Mas não consegui perceber quais os elementos que os constituiriam segundo Menga. O único elemento mais pontual apontado, ao menos o que eu fui capaz de identificar no momento da defesa, foi o de que a pesquisa não dava voz aos professores, e que os professores provavelmente não se reconheceriam ali. Para meu alívio, eu já havia passado neste teste, na medida em que ao menos um professor já havia se reconhecido plena e satisfatoriamente no texto final, e outros acompanharam com aprovação notas e comentários que entraram na versão final. Sem dúvida que, se tivesse havido a oportunidade para que Menga me acompanhasse ao longo da pesquisa, como co-orientadora, dando continuidade ao trabalho que resultou no nosso livro sobre os professores e a pesquisa (Lüdke et al, 2001), o resultado final teria ficado muito melhor. Esta era a idéia inicial, que acabou não ocorrendo, exclusivamente em função de minha

total falta de tempo na época da pesquisa, uma vez que Menga havia, carinhosamente, aceitado a proposta da co-orientação. Só me resta, portanto, aproveitar para corrigir duas graves omissões: (1) a ajuda da professora Menga foi indispensável na elaboração do modelo do questionário aplicado nas entrevistas (anexo 4); e (2) as informações dos anexos 1 e 2 foram colhidas durante a pesquisa feita sob orientação da professora Menga.

Vale mencionar, por fim, a leitura extremamente simpática de Lílian do Valle, que, em seus elogios, não deixou de indicar temas muito interessantes para a reflexão, e que serão fundamentais para a necessária reformulação deste texto, no caso de sua divulgação em forma de livro, o que espero fazer neste ano de 2004. E resta agradecer, imensamente, a todos da banca pela leitura cuidadosa e o rico debate que possibilitaram ao longo da defesa.

Filipe Ceppas

Rio de Janeiro, março de 2004.